

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

ECONOMIA SOLIDÁRIA E TRABALHO ASSOCIATIVO: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DOS CAMPOS GERAIS DE JARDINAGEM (ACGJ)

Livia Maria Da Silva Cunha (livia.cunha@yahoo.com.br)
Camila Da Silva Eidam (camilaeidam@yahoo.com.br)
Lillian Cristina Cruvinel Torres (lillicruvineltorres@hotmail.com)
Aline De Fátima Mattauch (aline.mattauch@hotmail.com)
Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (llagc2@yahoo.com.br)

RESUMO - O texto é um relato de experiência ligado ao trabalho de incubação da Associação dos Campos Gerais de Jardinagem (ACGJ), empreendimento apoiado pela Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), que trabalha na perspectiva da Economia Solidária como uma forma de inclusão sócio produtiva do trabalho. O trabalho expõe a trajetória da associação desde a sua organização até o momento atual, no qual enfrenta grande dificuldade. Na busca por alternativas de ampliar as possibilidades de manutenção da associação, a equipe de incubação iniciou uma oficina de capacitação de artesanato e costura como uma alternativa de geração de trabalho e complementação de renda. O objetivo principal é propiciar novas formas de atividades laborais e a comercialização das mesmas. Os membros da associação se envolveram com a proposta, demonstrando que estão firmes na busca de autonomia frente ao mercado de trabalho capitalista.

PALAVRAS-CHAVE - Inclusão sócio produtiva; oficina de criatividade; empreendimentos econômicos solidários.

Introdução

A IESOL é um programa de extensão universitária da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que desenvolve inúmeras ações voltadas para a Economia Solidária (ECOSOL), e que iniciou suas atividades em 2005, portanto está completando sua primeira década de atuação. Atua na constituição e consolidação dos empreendimentos econômicos solidários (EES), apresentando uma nova proposta de organização de trabalho, baseada nos princípios da Economia Solidária que também podem ser introduzidos no cotidiano das relações sociais.

A IESOL conta com recursos financeiros advindos de projetos de captação de recursos, sendo eles: Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares

(PRONINC), Programa de Extensão Universitária (PROEXT) e PETROBRAS. Dentre eles, destaca-se o projeto “Fortalecimento da Economia Solidária nos Campos Gerais”, que tem como parceiro e patrocinador a Petrobrás e que permite a incubação e acompanhamento de alguns EES que desejam trabalhar sob a perspectiva do associativismo e cooperativismo.

Entre os empreendimentos que a IESOL realiza acompanhamento, existe a Associação dos Campos Gerais de Jardinagem (ACGJ) que surgiu no ano de 2000, inicialmente apoiados pela gestão municipal, que ofereceu a alguns trabalhadores capacitação em cursos específicos de jardinagem e de fomento ao cooperativismo e Economia Solidária. Além da formação profissional, o grupo também obteve suporte da administração pública para se estruturar e desenvolver as funções produtivas, além de receber alguns insumos para que o trabalho se efetivasse. Em contrapartida, os trabalhadores prestavam serviços para a Prefeitura, fazendo a limpeza e manutenção dos jardins no entorno dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e escolas municipais, embora também recebessem para isso e ainda atendiam clientes particulares. Durante esse período, em que foram assistidos, no ano de 2006, o grupo se formalizou, tornando-se uma associação e foi criado estatuto próprio.

Essa situação envolvendo o apoio do poder público manteve-se por um longo período até que no início de 2013, com a mudança da gestão municipal, a ACGJ perdeu o apoio antes concedido. Dos 15 associados, sobraram apenas quatro (05) que resistem trabalhando em cooperação solidária, mesmo com a baixa procura de jardineiros.

No contexto atual, a Associação encontra-se sem sede fixa, com maquinário bastante precário e sem contar que certas estações do ano, principalmente inverno, não favorecerem a procura pelo o seu trabalho. É por esses e outros fatores que a Associação optou em realizar outras atividades laborais como uma forma de “driblar” a pouca demanda pela jardinagem, tais como: pintura e manutenção de “playgrounds”, lavagem de vidraças e gradis, limpeza de caixa d'água e outros serviços gerais.

Contudo, o primeiro semestre do ano de 2015 foi um tanto difícil para assegurar renda. Com poucos clientes fixos de jardinagem e a economia afetada de um modo geral, a Associação vem enfrentando uma fase de vulnerabilidade social, onde muitas vezes até as suas necessidade básicas não estão sendo totalmente supridas.

Diante disso, alguns integrantes da equipe de incubação da IESOL preocupados com o atual estado em que o empreendimento se encontra pensou em algumas maneiras de intervir na realidade apresentada. Após diálogos entre a equipe e o empreendimento, foi levantada a ideia de oferecer novas possibilidades de trabalho e renda para os mesmos.

A alternativa viável para tal momento foi a realização de uma oficina de artesanato e costura, experiência já obtida em outro grupo incubado, na Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), mas desenvolvida com um objetivo diferente. Essa oficina advém de um projeto de artesanato e costura, coordenada pela IESOL, e tem como principal objetivo é qualificação profissional, visando a geração de trabalho e renda para os associados da ACGJ. Até o momento foi realizada apenas uma Oficina, no dia 26/06/2015, na sede da Associação de Trabalhos Manuais (ASTRAMA), mas a ideia é que esse projeto tenha continuidade até o final do Projeto “Fortalecimento da Economia Solidária dos Campos Gerais”. A Oficina teve como foco desenvolver produtos de artesanato e costura que possam ser comercializados na Feira de Economia Solidária da UEPG, que acontece semanalmente e tem um grande potencial de comercialização.

Objetivos

Objetivo geral

- Identificar novas alternativas de geração de trabalho e complementação de renda para os associados da ACGJ.

Objetivos específicos

- Compreender o contexto atual de trabalho em que a ACGJ está vivenciando;
- Viabilizar novas possibilidades de trabalho;
- Capacitar os associados em outros trabalhos manuais.

Referencial teórico-metodológico

O neoliberalismo, que se expandiu a partir da década de 1990, aprofundou a desigualdade social no capitalismo revertendo um processo de melhor distribuição de renda nos países desenvolvidos ligado ao modelo de desenvolvimento fordista, que se consolidou após o fim da segunda guerra mundial. O recrudescimento da desigualdade social no capitalismo voltou ao centro debate econômico nos dias atuais (PIKETTY, 2014). Portanto, em termos globais, vivemos numa sociedade cada vez mais desigual, onde o mercado de trabalho formal torna-se cada vez mais seletivo e excludente.

No Brasil, vivemos nos últimos 12 anos um processo de melhoria discreta na distribuição de renda e de melhor situação no mercado do trabalho, mas essas conquistas estão sob risco no momento atual de recessão econômica. Diante disso, os trabalhadores oriundos

das classes menos privilegiadas, qualificados ou não, correm riscos crescentes de exclusão do mercado formal desse sistema. Na América Latina, a partir da década de 1980, observamos iniciativas diretas dos trabalhadores no sentido de superar as dificuldades no mercado de trabalho, como organização de cooperativas, associações e a organização coletiva, visando gerar trabalho e renda. O conjunto dessas iniciativas na América Latina acabaram recebendo a denominação de Economia Solidária (BARBOSA, 2007)

Portanto, a Economia Solidária é um termo recente, surgido em meio às crises enfrentadas no final do século XX, mas que remonta às experiências de séculos passados” (BRASIL; BRASIL, 2010). Trabalhar de forma associada e cooperativa aparece como uma resposta à nova sociabilidade imposta pelo capital. Com isso, a Economia Solidária também é uma possibilidade de inclusão sócio produtiva, levando os indivíduos que optam em trabalhar nesta perspectiva a gerar trabalho e renda.

Esta “nova” economia é pautada em princípios contrários ao projeto societário atual, mas romper com os paradigmas e adotar novos hábitos não é uma tarefa simples. A solidariedade, autogestão, cooperativismo e sustentabilidade são alguns dos fundamentos dessa nova organização de trabalho. Dessa forma, essa vai muito além de ser apenas uma proposta de geração de trabalho e renda, tratando-se também da construção de novas subjetividades, através de ações de valorização das identidades, da diversidade autopercepção do mundo(PINTO, 2006).

Resultados

A primeira oficina realizada no dia 26 de junho de 2015, no espaço da ASTRAMA, contemplou 04 (quatro) associados que foram ensinados a elaborar quadros com técnica de prego e barbante. A oficina foi realizada com muito êxito, já que os associados estavam motivados a aprender um novo ofício e também onde foi identificado que os mesmos possuem um bom desempenho e certa facilidade em realizar trabalhos manuais como o artesanato.

Todavia, como foi dado somente o primeiro passo, ainda não se pode obter resultados concretos dessas novas alternativas de trabalho. Neste sentido, a equipe pretende dar continuidade a este projeto, visando posteriormente a comercialização dos artesanatos feito pelos associados que acarretará na complementação de renda.

Outra ideia que a equipe de incubação da IESOL está buscando junto aos associados da ACGJ, em parceria com os associados da ASTRAMA é adquirir uma estufa, através de

participação de editais, para o cultivo de mudas de flores que possam ser comercializadas na Feira de ECOSOL da UEPG.

Considerações Finais

A ACGJ diminuiu seus membros nos últimos anos, mas os associados que permanecem, mostram-se interessados em resistir as inúmeras dificuldades em se estabelecer como trabalhadores organizados de forma associativa. Continuam “batendo de porta em porta” à procura de trabalhos de jardinagem e serviços gerais, mesmo que a renda adquirida não seja suficiente para suprir todas as necessidades básicas das famílias. Mas eles continuam em busca de alternativas em se manterem vinculados a uma alternativa relação ao mercado de trabalho capitalista. Dessa forma, neste contexto de vulnerabilidade social que enfrentam, a oficina de criatividade é uma alternativa a ser acrescentada ou conjunto de opções que tem o intuito de apresentar novos meios de garantir trabalho e renda, visando manter o caminho aberto para continuar o caminho na busca de autonomia.

APOIO:

1. Projeto “Economia Solidária, desenvolvimento territorial e tecnologias sociais no território da IESOL/” MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq, ligado ao Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares - Proninc.
2. Projeto “Fortalecimento da Economia Solidária nos Campos Gerais” - Petrobras.
3. Projeto “Consolidação e Fortalecimento da Associação dos Campos Gerais de Jardinagem para geração de trabalho e renda com base nos princípios da Economia Solidária” - Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) - Caritas brasileira.

Referências

BARBOSA, R. N. C. **A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POLÍTICA PÚBLICA**: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

BRASIL, M. S; BRASIL, F. S; **CLUBE DE TROCAS**: uma experiência prática de economia solidária. 2010. Disponível em: <<http://www.uepg.br/proex/anais/trabalhos/111.pdf>>. Acesso em julho de 2015.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. São Paulo: Intrínica, 2014.

PINTO, J. R. L. **ECONOMIA SOLIDÁRIA**: De volta à arte da associação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.